

Como os
PINGÜINS
me ajudaram
a entender
DEUS

Donald Miller

Como os
PINGÜINS
me ajudaram
a entender
DEUS

Pensamentos Pós-Modernos
sobre espiritualidade



THOMAS NELSON BRASIL

RIO DE JANEIRO, 2007

Título original
Blue like jazz – nonreligious thoughts on Cristian spirituality

Copyright © 2003 by Donald Miller

Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2007.

SUPERVISÃO EDITORIAL Nataniel dos Santos Gomes

ASSISTENTE EDITORIAL Clarisse de Athayde Costa Cintra

TRADUÇÃO Alexandre Martins Morais

CAPA Valter Botosso Jr.

COPIDESQUE Sílvia Rebello

REVISÃO Margarida Seltmann
Magda de Oliveira Carlos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592c

Miller, Donald, 1971 –
Como os pingüins me ajudaram a entender Deus: pensamentos pós-modernos sobre espiritualidade / Donald Miller; [tradução Alexandre Martins Morais]. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
Tradução de: *Blue like jazz*
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-6030-308-3

1 .Miller, Donald, 1971-. 2. Biografia – Estados Unidos. I. Título

07-643.

CDD: 922.773

CDD: 929.28 (73)

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Para David Gentiles

Sumário

| | |
|--|-----|
| Nota do autor | 9 |
| 1 – Início: Deus caminhando na minha direção por uma estrada de terra | 11 |
| 2 – Problemas: O que eu aprendi na televisão | 21 |
| 3 – Mágica: O problema com Romeu | 31 |
| 4 – Mudanças: A história de Penny | 41 |
| 5 – Fé: O sexo dos pingüins | 53 |
| 6 – Redenção: As cenouras <i>sexy</i> | 61 |
| 7 – Graça: O reino dos mendigos | 81 |
| 8 – deuses: Nossos pequenos amigos invisíveis | 89 |
| 9 – Mudança: Recomeços em uma fé milenar | 97 |
| 10 – Crer: O nascimento do legal | 103 |
| 11 – Confissão: Saindo do armário | 113 |
| 12 – Igreja: Como eu vou sem me revoltar | 127 |
| 13 – Romance: Conhecer garotas é fácil | 137 |
| 14 – Solidão: 53 anos no espaço | 147 |
| 15 – Comunidade: Vivendo com malucos | 169 |
| 16 – Dinheiro: Reflexões sobre o aluguel | 179 |
| 17 – Adoração: O deslumbramento místico | 191 |
| 18 – Amor: Como realmente amar outras pessoas | 197 |
| 19 – Amor: Como realmente amar a si mesmo | 211 |
| 20 – Jesus: Os traços de seu rosto | 221 |
| Agradecimentos | 229 |
| Sobre o autor | 231 |

Nota do autor

Eu nunca gostei de jazz porque é impossível defini-lo. Mas, certa noite, eu estava do lado de fora do Bagdad Theater, em Portland, e vi um homem tocando saxofone. Fiquei parado ali durante 15 minutos e em nenhum momento ele abriu os olhos.

Depois disso, passei a gostar de jazz.

Algumas vezes você precisa ver alguém amar alguma coisa antes de você mesmo conseguir amá-la. É como se a pessoa estivesse mostrando o caminho.

Eu não costumava gostar de Deus porque Deus não pode ser definido — mas só até que tudo isso acontecesse.



Nos Estados Unidos, a primeira geração de ex-escravos inventou o jazz. Trata-se de uma expressão musical livre que vem da alma, e é autêntico.

1. Início



Deus caminhando na minha
direção por uma estrada de terra

CERTA VEZ, EU VI NA TELEVISÃO UM INDIANO DIZER QUE DEUS ESTAVA NO vento e na água, e fiquei pensando em como isso era belo, pois significava que você podia nadar nele ou senti-lo bater em seu rosto como uma brisa. Estou no início da minha história, mas acredito que chegarei à eternidade; e no paraíso irei refletir sobre esses velhos dias, dias em que parecia que Deus estava descendo uma estrada de terra na minha direção. Anos atrás, ele era um ponto oscilante a distância; agora ele está perto o bastante para que eu consiga ouvi-lo cantar. Logo verei os traços do seu rosto.

Meu pai saiu de casa quando eu era pequeno. Assim, quando fui apresentado ao conceito de Deus como Pai, eu o imaginei como um homem deselegante e suado que queria entrar em nossa casa e dividir a cama com minha mãe. Eu só consigo lembrar disso como uma idéia assustadora e ameaçadora. Nós éramos uma família pobre que freqüentava uma igreja rica, portanto eu imaginava Deus como um homem que tinha muito dinheiro e dirigia um carro grande. Na igreja, eles diziam que éramos filhos de Deus, mas eu sabia que a família de Deus era melhor que a minha, que ele tinha uma filha que era animadora de torcida e um filho que jogava

futebol americano. Eu nasci com uma bexiga pequena, então fazia xixi na cama até os dez anos e depois desenvolvi uma paixão pela rainha do baile de formatura, que era gentil comigo de uma forma política, o que provavelmente aprendera com o pai, que era presidente de um banco. Assim, desde o início, o abismo que me separava de Deus era extremamente largo e profundo.

Em Houston, onde fui criado, a única mudança climática acontece no final de outubro, quando chega o frio do Canadá. Os meteorologistas de Dallas podem telefonar para seus colegas de Houston e recomendar que as pessoas guardem as plantas e protejam seus cães. O frio vem descendo pela estrada interestadual, alto e azul, e produz reflexos nas janelas espelhadas dos grandes edifícios, movendo-se sobre o Golfo do México como se para provar que o céu tem precedência sobre a água. Em Houston, em outubro, todos se movimentam com uma certa energia, como se fossem ser eleitos para a presidência no dia seguinte, como se fossem se casar.

Para mim, era mais fácil acreditar em Deus no inverno — e imagino que isso tinha a ver com o novo clima, com a cor das folhas nas árvores, com a fumaça na lareira das grandes casas nos bairros opulentos por onde eu pedalava minha bicicleta. Eu meio que acreditava que, se Deus vivesse em um daqueles bairros, me convidaria para entrar, faria um chocolate quente para mim e conversaria comigo enquanto seus filhos jogavam videogame e olhavam de cara feia por cima dos ombros. Eu pedalava por aqueles bairros até meu nariz congelar; então voltava para casa, me tranca-va em meu quarto, colocava um disco do Al Green e escancarava a janela para sentir o frio. Eu ficava deitado atravessado na cama por horas a fio, imaginando a vida em uma casa grande, visitado por amigos importantes que andavam em bicicletas novas, cujos pais tinham cortes de cabelo caros e eram entrevistados no noticiário.

Estive com meu pai apenas três vezes, todas elas na infância, todas elas em períodos de frio. Ele era técnico de basquete, e, eu não sei por que, abandonou minha mãe. Só sei que ele era alto e atraente — e cheirava a cerveja; seu colarinho cheirava a cerveja; suas mãos cheiravam a cerveja, e seu rosto áspero com barba por fazer cheirava a cerveja. Eu mesmo não bebo muita cerveja, mas esse cheiro, entranhado, nunca me deixou. Meu amigo Tony, o Poeta *Beat*, toma uma cerveja no Horse Brass Pub e o cheiro me manda para um lugar agradável que existe apenas nas memórias da infância.

Meu pai era um homem grande, imagino, maior que a maioria, alto e forte como um rio na cheia. Em minha segunda visita a meu pai, o vi arremessar uma bola de futebol americano em um ginásio, com ela espiralando até a cesta oposta, onde se chocou contra a tabela. Não havia nada que ele fizesse que eu não estudasse como se fosse algo impressionante. Eu o observava fazer a barba, escovar os dentes, calçar as meias e os sapatos em movimentos que eram mais músculo que graça, e ficava na porta do seu quarto esperando que ele não percebesse meu olhar impressionado. Eu olhava cuidadosamente quando ele abria uma cerveja, a latinha se escondendo em sua mão grande, a espuma escorrendo pela lata, seus lábios sugando o excesso, sua língua limpando o bigode. Ele era um cara e tanto.

Quando minha irmã e eu o visitávamos, comíamos churrasco todas as noites — algo que nunca fizéramos com minha mãe. Ele esmagava biscoitos Ritz sobre a carne, acrescentava sal e molhos, e eu pensava, acho, que ele era uma espécie de *chef*, o tipo de pessoa que deveria escrever livros sobre como preparar carne. Depois ele nos levava ao mercado e nos dava brinquedos, qualquer brinquedo que quiséssemos. Nós caminhávamos pelo longo corredor de prêmios reluzentes, caminhões e Barbies, pistolas e jogos. Na fila do caixa, eu, imóvel e em silêncio, agarrava a embalagem brilhante e lisa. No caminho de volta para casa, nos revezávamos no seu colo para poder dirigir — quem não estava ao volante trocava as marchas e quem guiava podia bebericar da lata de cerveja do meu pai. Não é possível admirar alguém mais do que eu admirava aquele homem. Eu conheci, das três visitas que fiz a ele, a fusão de amor e medo que existe apenas na imagem que um garoto tem do seu pai.

Passavam-se anos entre seus telefonemas. Minha mãe atendia o telefone e eu sabia, pelo modo como ela ficava de pé em silêncio na cozinha, que era ele. Alguns dias depois, ele aparecia para uma visita, sempre mudado e aparentando mais idade — as novas rugas, o cabelo grisalho, a pele grossa ao redor dos olhos — e alguns dias mais tarde nós íamos passar o final de semana em seu apartamento. Quando eu entrei para a quinta série, ele desapareceu completamente.



Hoje fico pensando por que Deus se refere a si mesmo como “Pai”. À luz da representação terrena do papel, isso a mim parece um erro de marketing. Por que Deus iria querer chamar a si mesmo de Pai quando tantos pais abandonam seus filhos?

Quando eu era criança, o título *Deus Pai* parecia me lançar em direção a um labirinto ambíguo. Eu compreendia o que um pai fazia, assim como compreendia a tarefa de um pastor. Todo o vocabulário acerca de Deus parecia vir da história antiga, antes dos videogames, dos palmtops e da Internet.

Se você me perguntasse a respeito da existência de Deus, acho que teria dito que havia um Deus, mas eu não conseguiria formular uma definição específica com base na minha experiência pessoal. Isso talvez se deva ao fato de que minhas aulas dominicais se dedicavam demais a fazer com que decorássemos os mandamentos e muito pouco a nos ensinar quem era Deus e como poderíamos nos relacionar com ele — ou talvez, ainda, isso tem ocorrido porque eu não prestasse atenção quando eles faziam isso. Seja como for, meu Deus impessoal me servia bem, e eu não tinha qualquer necessidade da coisa real. Eu não precisava que quaisquer divindades se esticassem do céu e me limpassem o nariz, então nenhuma delas realmente importava. Se Deus estava em uma estrada de terra caminhando na minha direção, estava do outro lado de um morro, e, de qualquer forma, eu ainda não tinha começado a procurar por ele.

* * *

Comecei a pecar com dez anos de idade. Acredito que tenha sido aos dez, embora possa ter sido mais cedo, mas dez anos é a idade em que um garoto começa a pecar, então eu sei que deve ter sido por aí. As garotas começam a pecar quando têm 23 ou algo assim; porque, por sua própria natureza, levam a vida com muito mais tranqüilidade, e não precisam acelerar tanto as coisas.

Inicialmente pecava apenas em pequenas doses — pequenas mentiras, pequenas inconsistências com os professores sobre meus deveres de casa e coisas do gênero. Aprendi bem a técnica, nunca olhando nos olhos do professor, sempre falando rapidamente, a partir do diafragma, nunca vacilando sobre o negócio de enganar.

- Onde está o seu dever de casa? — perguntava o professor.
- Eu perdi.
- Você perdeu ontem. Perdeu também na semana passada.
- Eu tenho esse problema de perder as coisas. Eu preciso aprender — (sempre seja autodepreciativo).
- O que eu vou fazer com você, Donald?
- Eu agradeço por sua paciência — (sempre seja grato).
- Eu deveria telefonar para sua mãe.
- Ela é surda. Acidente de barco. Piranhas — (sempre seja dramático. Gesticule).

Eu também usava muitos palavrões. Não aqueles palavrões de igreja — *putz e maldição, cacilda e caraca* —, mas grandes palavrões sonoros, como aqueles que eles usam em filmes mais pesados, aqueles que os caras falam apenas uns para os outros. Palavrões são puro êxtase quando você tem 12 anos, zumbindo na boca como uma pilha na língua. Roy, meu melhor amigo na época, e eu voltávamos da escola para casa andando, parando no parque junto à igreja metodista para falar palavrões para Travis Messie e sua irmã mais velha Patty. Travis sempre debochava de Roy porque seu sobrenome era Niswanger. Demorei dois anos para entender por que o nome Niswanger era tão engraçado.¹

As palavras foram substituídas por punhos no final daquele ano. Eu tinha 13 anos quando levei meu primeiro soco; direto no rosto. Foi Tim Mitchell, o garoto lourinho que ia à minha igreja e ameaçava o tempo todo me deixar de lábios inchados, enquanto eu gritava palavrões em frases incompletas; palavrões assustados. Ele me acertou no rosto e eu desabei sob o céu tão brilhante e azul quanto o *jazz*; crianças riam, Patty Massie estava apontando o dedo e Roy estava constrangido. Houve muitos gritos depois disso, e Tim recuou quando Roy disse que iria acertá-lo. Travis estava cantando o tempo todo: “*nice-wanger, nice-wanger, nice-wanger*”.

Mas, antes que tudo isso acontecesse, quando eu estava no jardim de infância, fui mandado para o gabinete do diretor por ter olhado debaixo do vestido de uma menina na hora da soneca — algo que provavelmente fiz,

¹ *Wanger* é um termo chulo para pênis, de modo que o sobrenome Niswanger pronunciado *nice-wanger* produziria algo como “belo pênis”. (N. do T.)

mas não pela razão imaginada. É mais provável que a saia aberta dela estivesse no caminho de algo que eu realmente quisesse ver; me lembro muito bem da época e não tinha qualquer interesse no que poderia haver embaixo do vestido de uma garota. Recebi um enorme sermão sobre a importância de ser gentil, feito pelo Sr. Golden, que era um pouco mais alto que sua escrivinha, tinha um dedo que sacudia como o rabo de um cachorro e uma gravata com um nó tão grande quanto um tumor. Ele poderia muito bem estar falando comigo sobre física ou política, porque eu não estava interessado em nada daquilo que supostamente havia me despertado interesse. Mas tudo mudou no verão do meu 12.º ano de vida.

Em frente à casa de Roy, havia um grande campo vazio cortado por trilhos de trem, e foi ali que, pela primeira vez, me identifiquei com o Adão do começo da Bíblia, pois foi ali que vi, também pela primeira vez, uma mulher nua. Nós estávamos andando de bicicleta quando Roy deu de cara com uma revista cujas páginas estavam espalhafatosamente cobertas de letras coloridas e de anúncios de má qualidade. Roy mexeu na revista com um pedaço de pau e eu fiquei de pé atrás enquanto ele folheava as páginas a distância. Era como se nós tivéssemos descoberto um portal para um mundo de magia e maravilha, onde havia criaturas da mais pura forma de beleza. Eu digo que nós encontramos um portal, mas foi algo mais que isso: era como se nós estivéssemos sendo levados *através* de um portal, porque eu sentia em meu peito, no ritmo do meu coração, que estava vivendo uma aventura. Eu me sentia como um assaltante deve se sentir quando saca uma arma dentro de um banco.

Finalmente, Roy pegou a revista com as mãos, devorando lentamente suas páginas, passando para mim depois de se enfiar na floresta, fora da trilha que costumávamos seguir com nossas bicicletas. Nós não falávamos, apenas virávamos as páginas, vendo as formas miraculosas, a beleza que não podia ser encontrada nem em todas as montanhas e rios. Sentia-me como se estivesse descobrindo um segredo, um segredo que todas as pessoas do mundo sempre tinham conhecido e tinham escondido de mim. Nós ficamos horas ali, até o sol se pôr; então escondemos nosso tesouro entre troncos e galhos, jurando um ao outro que não falaríamos a ninguém de nossa descoberta.

Naquela noite, na cama, minha mente reproduziu as imagens como em um filme, e eu senti a energia nervosa de um rio correndo por meu

baixo ventre, se chocando contra a massa cinzenta da minha mente, me levando a uma espécie de êxtase do qual eu achava que jamais voltaria. Essa nova informação pareceu tornar a grama mais verde e o céu mais azul, e então, antes que eu tivesse pedido uma razão para viver, eu ganhara uma: mulheres nuas.



Tudo isso levou ao meu primeiro encontro com a culpa, que ainda é algo inescrutável para mim, como se alienígenas estivessem fazendo transmissões de um outro planeta, me dizendo que há um certo e um errado no universo. E não era apenas o pecado sexual que produzia sentimentos de culpa; havia também mentiras e pensamentos impuros, além de determinados atos, como quando eu e Roy arremessávamos pedras contra carros pelas ruas. Minha vida tinha se transformado em algo que devia ser escondido; havia segredos nela. Meus pensamentos eram pensamentos particulares, minhas mentiras eram barreiras que protegiam meus pensamentos; minha língua afiada, uma arma para proteger meu eu sinistro. Eu me trancava no quarto, me isolando de minha irmã e minha mãe, nem sempre para cometer alguma espécie de pecado, mas simplesmente porque eu tinha me tornado uma criatura de estranhos segredos. Foi quando começaram a surgir minhas primeiras idéias sobre religião.

As idéias que aprendi na escola dominical, as idéias sobre pecado e sobre como não devemos pecar, continuavam a me incomodar. Sentia como se precisasse me redimir, do mesmo jeito como uma criança se sente quando finalmente decide arrumar seu quarto. Meus pensamentos carnis tinham bagunçado minha cabeça, e eu sentia como se estivesse na soleira da minha mente, pensando em por onde começar, como organizar minhas idéias para que elas não ficassem tão fora de controle.

Foi quando eu me dei conta de que a religião poderia ser capaz de limpar as coisas, me levar de volta à normalidade, para que eu pudesse me divertir sem sentir culpa ou algo assim. Eu simplesmente não queria mais ficar pensando sobre essa coisa de culpa.

Porém, para mim havia, entre religião e Deus, uma muralha mental. Eu podia viver dentro da religião e nunca, em nenhum nível emocional, compreender que Deus era uma pessoa, um verdadeiro ser com pensa-

mentos, sentimentos, esse tipo de coisa. Para mim, Deus era mais uma idéia. Era como uma espécie de caça-níqueis, um conjunto de imagens em movimento que oferecia recompensas com base em comportamentos e, talvez, no acaso.

Deus, o caça-níqueis, oferecia um alívio para a culpa cortante e uma sensação de esperança de que minha vida seria organizada com um objetivo. Eu era idiota demais para questionar essa associação de Deus com a tal máquina. Simplesmente comecei a orar por perdão, pensando que as cerejas poderiam se alinhar, acendendo e fazendo piscar a luz no alto da máquina, que, por sua vez, cuspiria moedas brilhantes de um futuro bom. O que eu estava fazendo tinha mais a ver com superstição que com religião. Mas funcionou. Se alguma coisa boa acontecia comigo, eu pensava que era Deus, e se alguma coisa boa não acontecia, eu voltava para o caça-níqueis, ajoelhava, orava e puxava a alavanca mais algumas vezes. Eu gostava muito deste Deus, porque mal precisava falar com ele, e ele nunca respondia. Mas toda diversão um dia acaba.

Meu Deus caça-níqueis se desintegrou na véspera do Natal, quando eu tinha 13 anos. Ainda penso naquela noite como “a dissipação do nevoeiro”; e aquela continua a ser uma das poucas oportunidades em que posso afirmar categoricamente ter tido uma interação com Deus. Embora eu esteja quase certo de que essas interações são rotina, elas simplesmente não parecem tão metafísicas quanto os acontecimentos daquela noite. Foi muito simples, mas foi uma daquelas revelações profundas que apenas Deus pode induzir. O que aconteceu foi que me dei conta de que não estava só no mundo. Não estou falando de fantasmas, anjos nem nada do gênero; estou falando das outras pessoas. Por mais bobo que possa parecer, me dei conta, tarde naquela noite, de que as outras pessoas tinham sentimentos e medos e que as minhas interações com elas de fato importavam; que eu podia deixá-las alegres ou tristes dependendo da forma como me ligava a elas. Não apenas eu podia fazer isso, como era responsável pela forma como as tratava. De repente, me senti responsável. Eu deveria fazê-las alegres. Eu não deveria deixá-las tristes. Como disse, parece simples, mas quando você realmente entende isso pela primeira vez, a coisa bate lá no fundo.

Eu fiquei traumatizado.

Foi assim que a bomba explodiu: naquele ano, eu tinha comprado para minha mãe um presente de Natal vergonhoso — um livro, cujo conteúdo ela nunca estaria interessada. Eu tinha uma grana para comprar presentes, e usei a maior parte do dinheiro para comprar equipamento de pesca, já que Roy e eu tínhamos começado a pescar no rio atrás do Wal-Mart.

Meus parentes mais distantes abrem os presentes na véspera de Natal, enquanto os mais próximos abrem os seus na manhã seguinte, de modo que naquela noite meu quarto estava cheio de presentes maravilhosos — brinquedos, jogos, balas e roupas — e, deitado na cama, eu os contava e classificava à luz da lua: os brinquedos a pilha, mais importantes; as roupas de baixo, sem importância alguma.

Então, à luz da lua, eu mergulhei em um sono ansioso, e foi quando me ocorreu que o presente que eu daria à minha mãe tinha sido comprado com o pequeno troco que sobrara depois de eu ter satisfeito minhas vontades. Eu me dei conta de que tinha colocado a felicidade de minha mãe abaixo de meus próprios desejos materiais.

Foi uma culpa diferente de qualquer coisa que eu já tinha experimentado. Foi uma culpa profunda, uma vez que eu não podia fazer nada para evitá-la. Era uma sensação horripilante; o tipo de sensação que você tem quando pensa que pode ser duas pessoas, e que a outra faz coisas que você não consegue explicar, coisas ruins e terríveis.

A culpa era tão profunda que caí da cama de joelhos e implorei, não a um Deus caça-níqueis, mas a um Deus vivo e sensível, para que acabasse com aquela dor. Eu me arrastei para fora do meu quarto até o corredor junto à porta da minha mãe e fiquei deitado de barriga para baixo, com o rosto no chão, por mais ou menos uma hora, algumas vezes adormecendo, antes que o fardo fosse finalmente erguido e eu conseguisse voltar para meu quarto.

Nós abrimos o restante dos presentes na manhã seguinte e fiquei satisfeito de receber o que ganhei; mas, quando minha mãe abriu seu livro idiota, pedi perdão a ela, dizendo como eu deveria ter dado algo melhor. Ela, claro, fingiu ter gostado do presente, dizendo que estava interessada no assunto.

Eu ainda estava me sentindo péssimo naquela noite, quando a família se reuniu para o jantar ao redor de uma mesa tão abarrotada de comida que

todo um reino poderia cear. Eu me sentei encolhido em minha cadeira, com os olhos no nível da travessa de batatas e milho, com meu cabelo sendo alisado por dez mulheres tagarelas, todas felizes porque o feriado estava acabando.

E enquanto elas comiam, falavam e tagarelavam durante o Natal, eu me sentia envergonhado e ficava pensando em silêncio se elas sabiam que estavam jantando com Hitler.